

TRÊS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: UMA IDEIA DE FORMAÇÃO

Alessandra Maria Moreira Gimenes

Resumo:

Este texto apresenta os primeiros resultados de pesquisa de Doutorado em desenvolvimento junto ao Departamento de Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP. A pesquisa busca investigar, nos contos “Um cão de latão ao rabo” (1878), “O programa” (1883) e “Conto de escola” (1884), de Machado de Assis, a maneira pela qual é representada a escola e seu papel na formação das personagens. Ao retratarem a escola, seu cotidiano, o perfil de professores e alunos, as narrativas apresentam, no desenvolver de suas tramas, nas ações dos protagonistas e nos diferentes discursos (narrador, personagem, autor implícito), uma determinada concepção de formação pela educação escolar. Assim, objetiva-se perceber como os textos machadianos representam o homem em formação, a escola e a educação do Brasil do século XIX. A análise das respectivas obras apóia-se nas concepções teóricas de M. Bakhtin (2003), sobretudo em A estética da criação verbal e em Marxismo e filosofia da linguagem, valendo-se ainda de textos de estudiosos machadianos, entre eles, os de Alfredo Bosi.

Palavras-chave: educação, literatura, formação.

Apresento parte de pesquisa para elaboração de tese de doutorado provisoriamente intitulada “três contos de Machado de Assis: uma ideia de formação”. Graduada em História e professora atuante nos Ensinos Fundamental e Médio da rede pública do estado de São Paulo, a pesquisa articula História, Literatura e Educação e procura respostas para a seguinte questão: qual o lugar da educação na História da Literatura?

Esta indagação surgiu no término das pesquisas para Dissertação de mestrado, momento em que juntamente com um grupo de professores de Ensino Fundamental, lemos a obra “Conto de escola”, de Machado de Assis, no intento de promover um diálogo entre as práticas escolares atuais e as dos professores do Brasil do século XIX. O realismo de “Conto de escola” impressionou-me de tal forma que quis saber qual a relação do escritor Machado de Assis com a educação de seu tempo.

Ao percorrer uma pequena parte da vastíssima obra do autor, tamanha a minha surpresa ao encontrar outras obras que abordam o cotidiano da escola, professores e alunos, ora como tema, ora como palco das narrativas. Mais instigada ainda, ao perceber que o tema fora objeto da pena do autor em ordem cronológica, veja-se que no ano de 1878, Machado de Assis escrevia para o jornal “O cruzeiro” o conto “Um cão de lata ao rabo”, obra que posteriormente integraria a coletânea “Páginas Recolhidas”.

A narrativa é ambientada em uma escola de primeiras letras – termo usado à época para designar o ensino hoje equivalente à primeira etapa do ensino fundamental (1º ao 5º

ano) – de Chapéu d’Uvas, uma localidade mineira. O protagonista, cujo nome não é revelado, é também o narrador da história, em que o enredo trata de um campeonato de redações, proposto pelo mestre, também anônimo, como método escolar para afiar a aprendizagem da escrita dos alunos.

Em 1881, o cotidiano escolar seria tema do capítulo “Um salto”, do romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, em que o defunto autor Brás Cubas rememora sua meninice e os tempos de escola, “a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos” (ASSIS, 1997, p. 38).

Em 1883, era a vez de “O programa”, conto originalmente publicado em *A Estação de 31/12/1882 a 15/01/1883* e posteriormente no segundo volume da coletânea *Relíquias de casa velha*, edição de 1937. O conto inicia-se no ano de 1850 na Gamboa, Rio de Janeiro e envolve em sua trama os ditames da sociedade carioca e brasileira do século XIX. A narrativa divide-se em seis capítulos: *Lição de mestre-escola, De como Romualdo engendrou um programa, Agora tu, Calíope, me ensina..., Quinze anos, bonita e rica, No escritório e Troca de artigos. Em Lição de mestre-escola*, mestre Pitada tem como tema de sua aula- O programa:

— Programa é o rol das coisas que se hão de fazer em certa ocasião; por exemplo, nos espetáculos, é a lista do drama, do entremez, do bailado, se há bailado, um passo a dois, ou coisa assim... É isso que se chama programa. Pois eu entrei no mundo com um programa na mão; não entrei assim à toa, como um preto fugido, ou pedreiro sem obra, que não sabe aonde vai. Meu propósito era ser mestre de meninos, ensinar alguma coisa pouca do que soubesse, dar a primeira forma ao espírito do cidadão... Dar a primeira forma (entenderam?), dar a primeira forma ao espírito do cidadão... (ASSIS, 1955b p.273-274).

No ano de 1884, Machado de Assis, ressalta uma vez mais suas preocupações para com as questões educacionais de seu tempo, na obra em que batiza com o nome de “Conto de escola”. Publicado na coletânea “Várias Histórias”, o conto narra um dia escolar nada comum do menino e narrador da história – Pilar. O protagonista recebe do colega Raimundo e filho do mestre-escola Policarpo, a proposta de explicações em troca de dinheiro, era, portanto necessário que Pilar lhe explicasse um difícil ponto da lição de sintaxe e como pagamento uma moeda do tempo do rei. Aceito o negócio, este é denunciado por outro aluno, o Curvelo. Inteirado do fato e o achando verdadeiro absurdo, mestre Policarpo castiga os alunos com doze bolos da terrível palmatória, neste episódio Pilar aprende os primeiros conhecimentos para a vida em sociedade:

E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...(ASSIS,2004,p.104).

Neste percurso de tentar apreender a relação dos textos de Machado de Assis para com a Educação contemporânea à escrita de suas obras, constatei que o autor se engajou em um movimento cujo objetivo era a afirmação da consciência nacional, o que significava a criação de instituições, entre elas a escola, bem como a formação do povo. “Esclarecer o espírito do povo de modo a fazer ideias e convicções disso é que ainda lhe não passa de instintos, é, por assim dizer, formar o povo” (ASSIS, 2008)¹.

“Esclarecer o espírito do povo de modo a fazer ideias e convicções”, eis uma das concepções de formação educacional a que aspirava Machado de Assis. A ela importava educar o povo, acreditando desenvolver o espírito crítico, necessário para a criação da pátria e a valorização daquilo que era nacional, do sentimento de pertença ao país, que, naquele momento, não passava de instinto. Tarefa árdua e longa “a independência do pensamento nacional”, no entanto, sabia o escritor que, em seu tempo, iniciava-se um projeto que deveria ser seguido pelas gerações futuras.

Como tantos intelectuais seus contemporâneos, Machado de Assis também se engajou “no movimento de afirmação da consciência nacional”², em que a principal ideia era a de pátria com “independência, liberdade, instituições sociais, reformas políticas, todas as criações necessárias em uma nova nação” (BOSI, p. 61). A literatura, concebida como “representação e interpretação da nacionalidade”, convertia-se em um veículo formativo, tal como o teatro e a sua arte, a qual o escritor “atribuía alta missão educativa”, ou, em suas próprias palavras, “(...) eu tenho a inqualificável monomania de não tomar a arte pela arte, mas a arte, como a toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana” (ASSIS *apud* PEREIRA, 2008, p. 59). A mesma missão social e educativa deveria contaminar as instituições oficiais do Estado, em prol do soerguimento do país à nação.

Entre as instituições necessárias para a criação da nova e melhorada pátria estava a escola

¹ MACHADO DE ASSIS, *Crônicas*. In: PEREIRA, Astrojildo; FEIJÓ, Martin Cezar. (Orgs.). **Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008, p. 47.

² Reflexo de um período da História brasileira em que se buscava a superação de antigas concepções, ultrapassadas para uma época que deveria abrir-se ao progresso. O esforço de intelectuais residia na tarefa de “definir os contornos” da fisionomia nacional. “Em verdade, o decênio de 70 e 80 é o momento de transição dialética daquilo que até então era apenas instinto de nacionalidade para o estágio mais elevado de consciência da nacionalidade em ascensão” (PEREIRA, 2008, p. 57).

com sua meta de instruir o povo, que, na realidade de então – decênio de 70 e 80 –, era em sua grande maioria analfabeta, como informa Hélio de Seixas Guimarães (2004):

Em 1872, apenas 18,6% da população livre e 15,7% da população total, incluindo os escravos, sabiam ler e escrever, segundo dados do recenseamento; entre a população em idade escolar (6 a 15 anos), que somava 1.902.454 meninos e meninas, apenas 320.749 frequentavam escolas, ou seja, 16,9%. Já em 1890, a porcentagem diminuiu: apenas 41,8% sabiam ler e escrever (GUIMARÃES, 2004, p. 66).

Os dados informados por Guimarães indicam um potencial público leitor, este calculado a partir da capacidade de leitura da população e dos índices de alfabetização e grau de escolaridade. Decerto, consciente do fato de que, no final do século, segundo o recenseamento de 1890, apenas 14,8% da população brasileira sabia ler e, dentre estes, os que possuíam o hábito da leitura eram provavelmente poucos, Machado de Assis insere a questão em sua literatura. Na complexidade e na intertextualidade do prefácio das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, entrevê-se a referência a esses poucos leitores brasileiros:

Que, no alto do principal de seus livros, confessasse Stendhal havê-lo escrito para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte, e quando muito dez. Dez? Talvez cinco (ASSIS, 1998, p. 11).

Comunica com ironia o seu desconforto, pois sabia que a obra que dava ao público produziria “efeito pequeno”, “quase nulo”, já que naquela sociedade do oitocentos brasileiro os livros eram “como pedras lançadas ao poço, fato de que os escritores desde cedo se ressentiam” (BOSI, 2004, p. 69).

Acredito que o ressentimento de Machado de Assis registrou-se e materializou-se “no projeto literário de representação nacional” e na “crença na construção nacional pela literatura,” que, segundo Guimarães, constituíam-se com “uma boa dose de miopia e mistificação e uma compreensão bastante restritiva do país” (GUIMARÃES, 2004, p. 100). “Machado de Assis não ficou insensível a nenhuma dessas questões”, afirma o autor.

Na *Semana Ilustrada* de 15 de agosto de 1876, ele começa uma crônica tratando da festa da Glória, escorrega para as corridas de cavalo e proclama sua preferência pelo burro antes de tecer (...) comentários sobre o recenseamento (GUIMARÃES, 2004, p. 102).

O recenseamento a que se refere Guimarães apresentava ao público brasileiro de 1876 o nível de escolaridade da população, e Machado de Assis manifesta-se sobre os resultados. “E por falar neste animal [o burro], publicou-se há dias o recenseamento do

Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler” (ASSIS *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 102). Criar um público leitor capaz de recepcionar uma literatura de alto nível como era a sua e a de alguns escritores seus colegas poderia ser uma de suas pretensões. Para tanto, era necessário “formar o povo”, alfabetizá-lo, torná-lo leitor.

Quero crer que a “ideia fixa” (a expressão é de *Memórias póstumas*) implícita nos três contos – “Um cão de lata ao rabo”, “O programa” e “Conto de escola” –, à exceção do terceiro, textos quase esquecidos do autor, e aqui fontes e objetos de pesquisa, representam a questão educacional que Machado lançava ao Brasil de seu tempo. “A necessidade de aprimorar e ampliar o acesso à instrução pública tornara-se assunto frequente na imprensa na década de 1870”. Criticava-se a negligência dos órgãos públicos em suas ações insuficientes para garantir o acesso das crianças à escola (GUIMARÃES, 2004, p. 91). Se, como diz Astrojildo Pereira, Machado de Assis “era a imagem de um escritor que foi retrato do tempo” e neste a educação do povo figurava como uma das questões primordiais creio que, no trapézio das ideias do ficcionista, uma se fazia fixa – a educação. Um escritor que dissertou sobre absolutamente todas as temáticas que envolviam as questões relevantes de seu país não iria abster-se diante das questões da educação, um dos temas mais importantes, sobretudo para um escritor.

Diante do exposto, a pesquisa de doutorado tem como objetivos investigar, nos contos “Um cão de lata ao rabo” (1878), “O programa” (1883) e “Conto de escola” (1884), de Machado de Assis, a maneira pela qual é representada a escola e seu papel na formação das personagens. Ao retratarem a escola, seu cotidiano, o perfil de professores e alunos, as narrativas apresentam, no desenvolver de suas tramas, nas ações dos protagonistas e nos diferentes discursos (narrador, personagem, autor implícito), uma determinada concepção de formação pela educação escolar. Desta forma, procuro perceber como os textos de Machado de Assis - operador de linguagem, representam o homem em formação, a escola e a educação do Brasil do século XIX. Um dos intentos da pesquisa é mostrar que Machado de Assis, escritor brasileiro do século XIX e ainda hoje considerado nosso maior literato, dedicou à educação de seu tempo um olhar especial.

Assim, optei por uma análise que estabeleça um diálogo com a legislação educacional do século XIX, como também entre os contos – objetos e fonte de pesquisa – e outras obras do escritor Machado de Assis. Nesta perspectiva, fazem parte do corpus da pesquisa obras como a crítica ao romance *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, escrita para o jornal *O cruzeiro* em 30 de abril de 1878, mesmo ano do conto “Um cão de lata ao rabo”,

publicado no mesmo jornal, um relatório de um diretor das escolas normais de uma das províncias do Império.

Compartilhando da convicção bakhtiniana de que toda obra literária é imensamente sociológica, um cristal artificial cujas facetas foram construídas a fim de refratar determinados raios de avaliações sociais e refratá-los sob um determinado ângulo (BAKHTIN, 2003, p. 196), pressuponho que um dos ângulos possíveis apresentados por Machado de Assis nas três narrativas é o da educação, da formação do cidadão contemporâneo a ele. A educação proporcionada às personagens na escola seria decisiva e marcaria os acontecimentos de toda uma vida. Para algumas delas, como Romualdo, o protagonista do conto “O programa”, os ensinamentos do mestre tornar-se-iam a base sobre a qual todos os seus projetos de vida se edificariam.

Supomos que cada questão teórica deve forçosamente receber uma orientação histórica. Entre os enfoques sincrônico e diacrônico de uma obra literária deve haver uma ligação contínua e um rigoroso condicionamento mútuo (BAKHTIN, 2003, p. 195).

Nos contos “O programa” e “Conto de escola”, a experiência adquirida, tal qual nos romances de aprendizado, “interioriza no homem, passa a integrar a sua própria imagem, modificando substancialmente o significado de todos os momentos do seu destino e da sua vida”, afirma Bakhtin (2003, p. 220).

Na tentativa de melhor compreender o movimento das personagens machadianas nos três contos, recorro também às teorias enunciativas de Bakhtin presentes em *Marxismo e filosofia da linguagem*, sobretudo à noção de dialogismo, que pressupõe a construção do sujeito a partir do outro, princípio da exotopia, pelo qual a construção do sujeito só é possível a partir do olhar que o outro tem de mim: “O excedente da minha visão contém em germe a forma acabada do outro, cujo desabrochar requer que eu lhe complete o horizonte sem lhe tirar a originalidade” (BAKHTIN, 2003, p. 45).

Neide Luzia de Rezende (2003), em *Percursos da narrativa de Oswald de Andrade: estudo dos romances e das memórias*³, ao dissertar sobre o universo bakhtiniano, destaca que a voz nunca é solitária, a língua carrega múltiplos sentidos.

Como diz Bakhtin, a língua vem carregada de sentidos incorporados ao longo de sua trajetória, da palavra à frase e desta ao texto, no ato do discurso. Portanto, toda emissão verbal permite uma interlocução com o que já existe, a partir da apropriação que dela se faz na nova enunciação,

³ REZENDE, Neide Luzia de. *Percursos da narrativa de Oswald de Andrade: estudos dos romances e das memórias*. São Paulo, FEUSP, 2003. (Tese de doutorado).

ao mesmo tempo que supõe um discurso futuro, à medida que aguarda do interlocutor uma resposta. Ora, a narrativa não deixa de ser também um discurso: “Como narrativa, vive de sua relação com a história que conta; como discurso, vive de sua relação com a narração que o profere” (REZENDE, 2003, p. 155).

Suponho que o discurso presente nas narrativas escolhidas carrega um pouco da história da escola do Brasil do século XIX e de seus princípios formativos pela voz de Machado de Assis. Trata-se de uma tarefa complexa, não podendo limitar-se aos contos escolhidos, é preciso incluir na análise outras obras do escritor, ou seja, incluirei como suporte, além desse *corpus* principal, também um *corpus* secundário composto por outros contos, algumas de suas crônicas e críticas literárias e naturalmente os romances, especificamente o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Do ponto de vista da teoria literária, autores como Alfredo Bosi, John Gledson e Roberto Schwarz auxiliam-me nas análises.

Dessa maneira, o percurso metodológico inclui a análise dos três contos selecionados de modo a identificar diferenças e semelhanças dos protagonistas em relação aos objetivos; espero, com isso, delinear o perfil dos professores e seus métodos, bem como dos alunos. Com a análise, chegar a entender como o escritor via os bancos escolares de sua época, quer dizer, qual era para Machado de Assis o papel da escola.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Compêndio de Gramática Portuguesa, por Vergueiro e Pertence. In:_____. **Crítica literária**. Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: W. M. JACKSON Editores, 1951.

_____. Instinto de nacionalidade. In:_____. **Crítica literária**. Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: W. M. JACKSON Editores, 1951.

_____. O primo Basílio, de Eça de Queiroz. In:_____. **Crítica literária**. Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: W. M. JACKSON Editores, 1951.

_____. Um cão de lata ao rabo. In:_____. **Páginas recolhidas**. Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: W. M. JACKSON Editores, 1955a.

_____. O programa. In: _____. **Relíquias de casa velha.** Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: W. M. JACKSON Editores, 1955b.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. Conto de escola. In: _____. **Várias histórias.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar.** São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. O realismo na obra de Machado de Assis. In: _____. **Escolas literárias no Brasil.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.

GLEDSOON, John; GRANJA, Lúcia. (Orgs.). Machado de Assis. **Notas semanais.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin: Edusp, 2004.

REZENDE, Neide Luzia de. **Percursos da narrativa de Oswald de Andrade: estudos dos romances e das memórias.** São Paulo, FEUSP, 2003. (Tese de doutorado).

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis.** São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.